

O fio e os nós na tecitura do trabalho colaborativo na Educação Especial

Isabel Matos Nunes¹

Márcia Alessandra de Souza Fernandes²

Mariza Carvalho Nascimento Ziviani³

37

Resumo: O presente texto problematiza as inter-relações estabelecidas entre os profissionais que atuam com os estudantes público-alvo da educação especial, na rede municipal de São Mateus-ES, no que tange ao trabalho colaborativo. Possui como referência teórica os conceitos de figuração e interdependência definidos por Norbert Elias. Objetivamente, tece reflexões sobre as experiências e práticas de ensino colaborativo dos professores de educação especial, a partir dos dados elaborados no contexto da pesquisa intitulada "Interdependência e colaboração em contextos escolares inclusivos" (ZIVIANI, 2016), que trilhou o eixo da pesquisa qualitativa, delineada sob a perspectiva teórico-metodológica da pesquisa-ação colaborativo-crítica (JESUS, 2008). Analisa a concepção de trabalho colaborativo no discurso dos profissionais da escola, e discute como esses se articulam com os fios do discurso político e acadêmico, constituindo um tecido de múltiplos sentidos e experiências.

Palavras-chave: Educação Especial. Trabalho Colaborativo. Interdependência.

The thread and the knots in the fabric of collaborative work in Special Education

Abstract: The present article problematizes the interrelationships established amongst the professionals that work with the students who are the target of special education, in the educational municipal grid at São Mateus-ES, in what concerns the collaborative work. It has as theoretic reference the concepts of figuration and interdependency defined by Norbert Elias. Objectively, it analyzes experiences and practices of collaborative teaching of special education teachers, based on the data elaborated in the context of the research entitled "Interdependence and collaboration in inclusive school contexts" (ZIVIANI, 2016). The methodological path covered the axis of qualitative research, delineated from the theoretical-methodological perspective of collaborative-critical research-action (JESUS, 2008). It presents the concept of collaborative work in the discourse and practices of school professionals, and discusses how these articulate with the threads of political and academic discourse, constituting a fabric of multiple senses.

Key words: Special Education. Collaborative Work. Interdependence.

¹ E-mail: bel_mnunes@hotmail.com

² E-mail: marciaasf@bol.com.br

³ E-mail: mariza.cnz@gmail.com



Pontos iniciais: os fios que nos aproximam

Um galo sozinho não tece uma manhã: ele precisará sempre de outros galos. De um que apanhe esse grito que ele e o lance a outro; de um outro galo que apanhe o grito de um galo antes e o lance a outro; e de outros galos que com muitos outros galos se cruzem os fios de sol de seus gritos de galo, para que a manhã, desde uma teia tênue, se vá tecendo, entre todos os galos.

(João Cabral de Melo Neto)

O interesse em debruçarmo-nos sobre o presente texto dá-se pelos vários elementos que nos aproximam: o mesmo *locus* de pesquisa – a rede municipal de educação de São Mateus/ES –, o mesmo eixo norteador – educação especial na perspectiva inclusiva – e, também por termos assumido em nossas análises, os pressupostos teóricos estabelecidos por Norbert Elias (1897-1990). Nosso esforço, neste trabalho, parte da tentativa de buscar compreender um pouco mais sobre as questões que alimentam nossos estudos, procurando refletir sobre como unidades interdependentes, das mais simples às mais complexas, conformam uma realidade específica.

Assim, nossa reflexão organiza-se a partir de reflexões que buscam compreender como acontecem as inter-relações e o trabalho colaborativo entre os professores da base comum e os professores da modalidade de Educação Especial, em uma escola da rede municipal, da cidade de São Mateus-ES. Especificamente, perguntamos: Como estabelecer práticas de colaboração em contextos escolares marcados por modelos fragmentados de organização?

Nossa indagação e as reflexões dela advindas assumem a perspectiva teórica elaborada por Norbert Elias (1994, 2001a) ao sustentar que o comportamento dos indivíduos poderá ser mais satisfatoriamente entendido, quando vinculado à compreensão das configurações e teias de interdependência estabelecidas entre os indivíduos, nas suas mais diversas conexões da vida. Ao assumimos os pressupostos eliasianos sobre interdependência e configuração social, entendemos ser necessário observar mais de perto as relações estabelecidas entre todos os indivíduos que compõem uma configuração pesquisada. Deste modo, temos a compreensão de que os indivíduos estão interligados pela própria existência humana visto que “[...] dizer que os indivíduos existem em configurações significa dizer que o



ponto de partida de toda investigação sociológica é uma pluralidade de indivíduos, os quais, de um modo ou de outro, são interdependentes” (ELIAS e SCOTSON, 2000, p. 184).

Sob tal entendimento, refletimos sobre as experiências e práticas de ensino colaborativo dos professores de educação especial, percorrendo o caminho metodológico da pesquisa qualitativa, delineada sob a perspectiva teórico-metodológica da pesquisa-ação colaborativo-crítica (JESUS, 2008), que compreende que os participantes do processo de uma pesquisa constituem o pesquisador coletivo.

Esse pesquisador coletivo constitui um grupo restrito, ou mais amplo, de indivíduos envolvidos com as reflexões e a compreensão das práticas e situações do cotidiano e das relações do próprio grupo; num movimento reflexivo-crítico, tal pesquisador experimenta situações que provocam “[...] atitude de aceitação e acolhimento dos nossos saberes profissionais, mas também dos possíveis e impossíveis do outro [...]” (JESUS, 2008, p. 148).

Nesse sentido, analisamos os dados produzidos no cotidiano de uma escola de ensino fundamental – anos iniciais, do município de São Mateus ES, valendo-nos da observação *in loco*, conjugada à aplicação de questionário semiestruturado. Atentas aos desafios e tensões ali vividos, permitimo-nos construir individual e coletivamente novos/outros significados para a compreensão do trabalho colaborativo na educação especial e os apontamentos resultantes de nossas reflexões coletivas poderão contribuir para potencializar outros movimentos nas práticas escolares. Para o presente texto, nos apropriamos das narrativas de 3 professoras participantes da pesquisa, aqui denominadas pelos nomes fictícios de Maria (docente da sala de aula), Joana (professora de AEE) e Ana (professora na função de supervisão escolar).

Partimos do pressuposto de que a educabilidade da pessoa com deficiência, como proposta viável nos contextos escolares, à luz da Política Nacional de Educação Especial na Perspectiva da Educação Inclusiva (BRASIL, 2008), demanda problematizar as relações de interdependência a fim de se constituir práticas mais coletivas e de colaboração entre todos os sujeitos



envolvidos e, a nosso ver, com o protagonismo dos profissionais do ensino, sejam eles os professores da base comum ou os professores especialistas da educação especial. Sobre esse aspecto, elementos da Sociologia Figuracional, conforme elaborada por Elias (2011), ajudam-nos a pensar sobre a Educação Especial, especificamente na reflexão do trabalho colaborativo.

Para tanto, apresentamos excertos da pesquisa empírica no que tange ao trabalho colaborativo, sublinhando a possibilidade e a relevância das pesquisadoras mergulharem no fluxo histórico do grupo, para entenderem o enredamento dos fios ali tecidos.

Sob as lentes elisianas, os fios do trabalho colaborativo

Assumindo a perspectiva da Sociologia Figuracional, destacamos dois conceitos centrais na obra de Norbert Elias, que fundamentam nossas reflexões sobre o trabalho colaborativo na modalidade de Educação Especial: interdependência e figuração. Na sequência, dialogamos com outros pesquisadores da área sobre o conceito de trabalho colaborativo a fim de tecer nossas reflexões.

Uma questão central na obra “O processo civilizador” (ELIAS, 2011) refere-se à noção elisiana de que o comportamento das pessoas poderá ser mais satisfatoriamente entendido, quando vinculado à compreensão das configurações e teias de interdependência de variados tipos, como famílias, escolas, cidades e outros.

[...] A rede de interdependências entre os seres humanos é o que os liga. Elas formam o nexa do que é aqui chamado configuração, ou seja, uma estrutura de pessoas mutuamente orientadas e dependentes. Uma vez que as pessoas são mais ou menos dependentes entre si, inicialmente por ação da natureza e mais tarde através da aprendizagem social, da educação, socialização e necessidades recíprocas socialmente geradas, elas existem, poderíamos nos arriscar a dizer, apenas como pluralidades, apenas como configurações. Este o motivo por que, conforme afirmado antes, não é particularmente frutífero conceber os homens a imagem do homem individual. Muito mais apropriado será conjecturar a imagem de numerosas pessoas interdependentes formando configurações (isto é, grupos ou sociedades de tipos diferentes) entre si [...] (ELIAS, 1994, p. 249).



Nesse sentido, configura-se a escola, espaço em que as interdependências se tornam cada vez mais explícitas, e os sujeitos, profissionais, cada um em suas diferentes funções, ou seja, em suas individualidades, se socializam e se constituem interdependentes, objetivando ações que favoreçam a proposta da educação. Essa pluralidade de pessoas dá-se, em Elias, no que se denomina "figuração" ou "configuração". Elias (1994, p. 35), explica esse conceito, comparando com a forma que os fios se ligam a uma rede,

A forma do fio individual se modifica quando se alteram a tensão e a estrutura da rede inteira. No entanto, essa rede nada é além de uma ligação de fios individuais; e, no interior do todo, cada fio continua a constituir uma unidade em si; tem uma posição e uma forma singulares dentro dele.

As formas como os grupos humanos se organizam são singulares e codeterminadas pelo conhecimento que cada grupo detém. Sob o efeito da descrição, a relação entre o professor do ensino comum e o professor especialista em Educação Especial pode ser entendida como uma associação em que, como ocorre com os fios à rede, cada profissional, em sua função, se modifica, podendo, assim, modificar toda a estrutura dos espaços escolares. Cada um seria como um fio que, ao entrelaçar-se aos outros, formaria uma nova estrutura, a rede, que é a junção de diferentes fios, e constituiria a nova configuração, que seria a reunião de diferentes pessoas.

Como no tecido de uma rede, os nós que constituem o ensino colaborativo resultam da amarração entre os fios que são os dois grupos de professores: os da base regular e os da modalidade de educação especial, mas que dividem a responsabilidade de planejar, instruir e avaliar os procedimentos adotados no ensino de um grupo heterogêneo de estudantes (FERREIRA; *et al.*, 2007).

Para Mendes (2006), a proposta do ensino colaborativo surgiu como alternativa aos modelos educacionais existentes – sala de recursos, classes especiais ou escolas especiais – visando, também, responder às demandas das práticas de inclusão dos estudantes público-alvo da educação especial.



Nessa perspectiva, ao refletirem sobre o trabalho colaborativo, estudos como o de Mendes e Vilaronga (2014), Pinto e Leite (2014), entre outros, enfatizam que é preciso discutir na escola questões relacionadas ao tempo de planejamento em comum entre o professor do AEE e o professor da sala regular, assim como é necessário refletir sobre as concepções de ensino e aprendizagem e uma série de outros assuntos relacionados, como: adaptações curriculares; organização e distribuição de tarefas e responsabilidades; diferentes concepções de avaliação; experiências em sala de aula; organização do espaço educacional; acompanhamento do progresso de aprendizagem dos estudantes; Plano Educacional Individualizado, entre outros aspectos.

O estudo de Pinto e Leite (2014) enfatiza que o trabalho colaborativo é fortemente influenciado pela concepção de aprendizagem, razão pela qual é fundamental que a vivência de processos colaborativos seja acompanhada de formação continuada. Sobre essa mesma temática, Mendes (2014), ao analisar práticas de ensino colaborativo dos professores de educação especial em um município paulista, identificou experiências de coensino em diferentes estágios. Quanto aos fatores que podem contribuir para essa realidade na escola, observou que o ensino colaborativo não depende somente dos profissionais da escola, mas de toda uma mudança histórico e cultural, principalmente no que se refere à imagem de que os profissionais da modalidade sejam os *experts* e que entrariam na sala de aula somente para realizar um trabalho individualizado.

Escola: fios interligados?

Valemo-nos da ideia das redes de interdependência (ELIAS, 2001b) que compreende que os indivíduos estão ligados uns aos outros por um fenômeno de dependência recíproca. Tal compreensão nos ajuda a entender que a dinâmica da escola e do trabalho docente colaborativo se configura a partir de uma grande rede de interdependência. Sob a compreensão dessa rede, visualizamos um intrincado jogo de relações e dependências de onde destacamos a figura do professor colaborador como sendo constituído a partir



de uma configuração articulada aos demais professores da base comum e todos os outros profissionais da escola.

Com as lentes eliasianas é possível vislumbrar o contorno das redes de interdependência a partir da percepção de configurações, ou seja, de uma,

[...] formação social, cujas dimensões podem ser muito variáveis, em que os indivíduos estão ligados uns aos outros por um modo específico de dependência recíproca e cuja reprodução supõe um equilíbrio móvel de tensões (ELIAS, 2001a, p. 13).

As formas como os grupos humanos se organizam são singulares e as configurações, grandes ou pequenas, são formadas na coexistência humana e têm a linguagem e o conhecimento como mediadores dessas relações. A partir de Elias, compreendemos que o conceito de configuração se aplica onde quer que se forme uma “rede envolvente de interdependência” (ELIAS, 1994, p. 140); ela expressa a ideia de que os sujeitos possuem abertura e algum grau de autonomia (ainda que nunca absoluta) em relação aos outros com quem se relacionam.

Sobre esse aspecto, no que tange ao trabalho colaborativo docente na escola, percebemos que os profissionais estão interligados, formando configurações específicas nas suas relações diversas. Podemos dizer que os professores regentes de sala de aula compõem uma configuração específica e os professores especialistas compõem outra. Mesmo sendo todos professores, ambos possuem formações e atribuições distintas: o da sala de aula detém o conhecimento da disciplina em que atua, enquanto o especialista deve ter formação voltada para o atendimento educacional especializado, e, nos seus fazeres cotidianos, a partir das relações estabelecidas entre si e além, eles, em algum momento, se aproximam ou se distanciam.

A distinção de formação e atuação torna a escola o espaço em que as interdependências se tornam cada vez mais necessárias. Os sujeitos, profissionais, cada um em suas diferentes funções, ou seja, em suas individualidades, ao buscarem completar ou complementar o seu fazer com o do outro, vão, ao mesmo tempo, estendendo como também tensionando os fios



da rede de interdependência, tornando-a mais robusta ou mais frágil, conforme o nível de articulação que consigam estabelecer.

As inter-relações entre os indivíduos nesses espaços escolares remontam movimentos próprios do processo civilizador, em que as configurações possuem uma dinâmica que compreende lutas e pressões em seus diferentes níveis sendo, ao mesmo tempo, canalizado pela estrutura das configurações e transformado por elas (ZIVIANI, 2016).

As indicações e os conceitos assumidos até aqui nos permitem afirmar que a atuação do professor auxiliar com o professor do ensino comum atinge outros indivíduos e que as inter-relações entre todos os indivíduos impõem a construção e reconstrução de planos e ações, que, aos poucos, poderá promover mudança de perspectiva e de atuação de todo o conjunto.

A Política Nacional de Educação Especial na perspectiva da educação inclusiva (BRASIL, 2008) pressupõe que quanto mais articulados pedagogicamente os dois grupos de profissionais estiverem, mais possibilidades de êxito no trabalho e maior possibilidade de aprendizagem para o estudante. Sob tais condições, o conceito de interdependência fica mais óbvio. A fim de melhor apresentar o que entendemos, trazemos a descrição elaborada por Elias sobre uma rede,

Para ter uma visão mais detalhada desse tipo de inter-relação, podemos pensar no objeto de que deriva o conceito de rede: a rede de tecido. Nessa rede, muitos fios isolados ligam-se uns aos outros. No entanto, nem a totalidade da rede nem a forma assumida por cada um de seus fios podem ser compreendidas em termos de um único fio, ou mesmo de todos eles, isoladamente considerados; a rede só é compreensível em termos da maneira como eles se ligam, de sua relação recíproca. Essa ligação origina um sistema de tensões para o qual cada fio isolado concorre, cada um de maneira um pouco diferente, conforme seu lugar e função na totalidade da rede. A forma do fio individual se modifica quando se alteram a tensão e a estrutura da rede inteira. No entanto, essa rede nada é além de uma ligação de fios individuais; e, no interior do todo, cada fio continua a constituir uma unidade em si; tem uma posição e uma forma singulares dentro dele (ELIAS, 1994, p. 35).

A compreensão de que [...] “essa rede de tecido não é nada além de uma ligação de fios individuais [...]” nos faz perceber que a relação entre o



professor do ensino comum e o professor especialista na educação especial resulta de uma “associação” que [...] “se modifica quando se modificam a tensão e a estrutura da rede inteira [...]” (ELIAS, 1994). Nessa “associação” ou rede de interdependência, cada profissional, em sua função, se modifica, podendo, assim, modificar grande parte do fazer escolar, sem deixar de ser quem é; cada um seria como um fio que, ao entrelaçar-se aos outros, formaria uma nova estrutura – a rede – sem, contudo, deixar de ser o fio.

A descrição acima nos permite pensar a escola como o lugar das interdependências, ainda que o autor não estivesse se referindo especificamente à instituição escolar. Se considerarmos apenas aspectos relacionados à sua estrutura organizacional, veremos a dificuldade das interdependências se efetivarem e, exatamente por isso, merecedora de mais considerações.

Almeida (2004) reconhece que o processo de construção de um trabalho a partir da colaboração de todos não é fácil; são poucos os que se permitem a possibilidade de trabalhar em equipe. Para ela, a permissão poderia ocorrer por meio de momentos de formação dos profissionais e que implicaria na “[...] construção de espaços para reflexão crítica, flexibilização e criação de canais de informação nas escolas, alianças e apoios entre os profissionais e implementação de políticas públicas de valorização e formação docente [...]” (ALMEIDA, 2004, p. 244).

Documentos como o relatório “Educação para todos” (BRASIL, 2014) reforça o imperativo da formação em serviço visto que esse documento reforça à escola a necessidade de a todos receber; mais recentemente, tem ganhado cada vez mais ênfase a necessidade de que a escola, além de ser acessível a todos, tenha qualidade. Tais demandas são verdadeiras searas para o campo da reflexão, da formação e da busca de outras possibilidades de construção, uma vez que nesses momentos, os indivíduos “[...] refletem sobre a sua vivência profissional e os problemas que essa mesma prática lhes coloca” (ALARCÃO, 2004, p. 19).

Sobre esse aspecto, ao optarmos pelo percurso da pesquisa-ação colaborativo-crítica, anunciamos sobre a necessidade de um espaço para a



reflexão sobre as práticas empreendidas, em que os envolvidos se constituam coletivamente. Assim, tecemos reflexões e descobertas a partir das narrativas de 3 professoras que nos falam sobre a sensação de incompletude com relação ao trabalho colaborativo. Elas narram sobre as descobertas e sínteses elaboradas no movimento da pesquisa-ação-colaborativa-crítica, por exemplo, sobre quando uma professora comparou as funções de cada uma às peças de “[...] um quebra-cabeça onde existem as peças, mas [que] estas ainda não se encaixam [...]” (PROFESSORA JOANA, Out./2016), e quando um dos sujeitos do grupo percebe que o encaixe das peças aconteceria a partir do trabalho colaborativo – nas palavras de Elias (1994) seria a articulação dos fios na constituição da rede.

A articulação das partes na constituição de algo maior nos remete à concepção de trabalho colaborativo. Uma professora destaca que é “[...] um espaço que oportunize o aluno a desenvolver suas habilidades para garantir o seu aprendizado e isso necessita de que a equipe da escola esteja ajustada, cada um cumprindo seu papel” (PROFESSORA MARIA, Out/2016).

Mais que superar práticas isoladas, reconhecer a dependência e a necessidade de colaboração entre os grupos para o desenvolvimento de práticas para a escolarização de todos é o que deve impulsionar a vinculação dos indivíduos nos espaços escolares. Nesse sentido, muitas questões que emergiram do grupo no curso da pesquisa trouxeram à reflexão questões importantes sobre os limites do trabalho individual e o coletivo na perspectiva do trabalho colaborativo.

A professora Ana considera que a escola procura novas práticas pedagógicas e troca de experiências entre seus pares. Ela compreende que “esses momentos configuram em troca de experiências que são de grande importância para o resultado que buscamos: que é aprendizagem e o sucesso escolar do aluno [...]” (PROFESSORA ANA, Out./2016), entretanto, observa que a troca não é fácil por causa das pessoas que pensam diferente e das muitas resistências.

Ainda no movimento da pesquisa, questões relacionadas ao fator tempo também foram levantadas. A professora Ana observa que as muitas demandas



que chegam à escola são incompatíveis com os seus tempos. Ela afirma que a “[...] a escola tem uma dinâmica muito rápida! [...] Tem os projetos do município, tem os da esfera estadual! [...] E cada profissional tem seus horários, uns trabalham em outras escolas. Não há horário previsto para esta coletividade” (PROFESSORA ANA, Out. /2016)

São muitos os desafios que despontam no cotidiano da escola e que tornam o trabalho colaborativo ainda mais desafiador. Sobre esse aspecto, com base em uma pesquisa que analisou o discurso coletivo das docentes, Pinto e Leite (2014, p. 166) destacam sobre a polissemia no conceito do termo trabalho colaborativo. Em suas palavras,

A análise do discurso coletivo das docentes da escola básica a que este estudo se reporta, revela um conceito polissêmico de TC, atravessado pelo discurso do senso comum (idealizado e sempre positivo), pelo discurso político (colaboração como exigência burocrática e cambiante de acordo com o governo no poder), pelo discurso acadêmico (decorrente de estudos sobre o tema) e pela concretização do real (ressignificado pelos sujeitos no contexto prático).

A constatação sobre a concepção de trabalho colaborativo é a de ser um termo rico de sentidos ainda que vazio de significado. Sendo assim, está à mercê dos ventos que o sopram, seja o senso comum, o discurso político, o acadêmico e muitos outros.

Na tentativa de compreender os discursos tecidos pelos profissionais da escola a partir dos dados sistematizados, percebemos lacunas no trabalho escolar na perspectiva da colaboração, mas também possibilidades, sobretudo quanto à inter-relação. Sobre essa última, reconhecemos que são grandes os desafios quanto à sua efetivação, mas reconhecemos também que quanto maior o entrelaçamento dos fios, melhor será impulsionado o trabalho colaborativo.

Das análises realizadas, destacamos a ideia de coletividade, “[...] compreendendo-a como algo além de um agrupamento de indivíduos [...]” (ZIVIANI, 2016, p.127), como os fios no tecer da rede, que na interdependência com outros, além de fios, são também a própria rede. A autora reconhece, entretanto, “[...] que pensar coletivamente o ‘eu’, o ‘nós’, e o ‘eles’ é um grande



desafio [...]” (p.85), acrescentando sobre uma longa jornada a ser trilhada pela escola no sentido de dar fluxo aos fios que alimentam o trabalho pedagógico na perspectiva inclusiva.

Mais uma vez, a interdependência dos elementos se evidencia e vale repetir que a tensão de “[...] cada fio isolado concorre, cada um de maneira um pouco diferente, conforme seu lugar e função na totalidade da rede [...]” (ELIAS, 1994, p. 35) na elaboração do trabalho colaborativo e a consequente transformação do espaço escolar. Sobre a produção de mudanças numa organização social como é a escola, Canário (2005, p. 99) analisa que ela “[...] implica não apenas mudar a ação individual, mas também o modo de pensar essa ação e, sobretudo, o modo como as ações individuais se articulam, entre si, num quadro de interdependência dos atores.

Nessa direção, entendemos ser necessário (re)conhecer como vão sendo constituídas as inter-relações. Acolher, ceder e sugerir podem se apresentar como estratégias atribuídas em momentos oportunos, numa tentativa de articular e fomentar práticas coletivas em que seja possível reconhecer a interdependência real e necessária entre os indivíduos da figuração escolar.

Trabalho colaborativo: estender fios, tecer manhãs

Ainda que a nossa pergunta inicial continue a reverberar diante do estudo – Como estabelecer práticas de colaboração em contextos escolares marcados por modelos fragmentados de organização, com dinâmicas pedagógicas constituídas em parcelas individuais e temporais? – fazendo fervilhar outras ideias, de uma forma ou de outra, a reflexão até aqui nos provoca a procurar sobre outras possibilidades de práticas de colaboração na configuração escolar em que professores da base comum ou especialistas e demais profissionais estejam engajados, melhor, fortalecidos nas teias de interdependência em uma só meta: garantir condições de aprendizagem a todos os estudantes que a escola procurar.

Entendemos que o trabalho colaborativo deve ser tecido buscando a transformação dos sujeitos e do espaço escolar e que as possibilidades para o



que denominamos de transformação, encontram-se atreladas às interações, que por sua vez, desencadeiam mudanças nas mesmas estruturas sociais, no caso, na estrutura escolar.

Reconhecemos ser esse um processo lento e complexo que exige que cada indivíduo permita-se mudar de posição, fazer e refazer caminhos, comparar, agir e refletir; que de um modo ou de outro, cada um se sinta e se envolva no processo e que tenha consciência de sua condição de fio, mas que também se perceba rede.

A partir de Elias (1994), compreendemos que mesmo em grupo – em que os fios constituem a rede – o homem não perde sua singularidade e por meio do entrelaçamento dos seus fios – nas palavras de Elias – nas “inter-relações estabelecidas” vai constituindo novos fazeres e caminhos no percurso civilizatório. Ainda para o autor, o indivíduo está em formação e mudança constantes, o que significa que, assim como a sociedade, ele não é estático, nem terminado; ele é processo. E nesse longo processo, que mais breve os professores consigam estender seus fios em rede, já que sozinhos, desarticulados não “tece[m] uma manhã”.

E, se sozinhos os galos não tecem uma manhã, a sociologia elisiana tem-nos convocado a elaborar nossas análises sob a perspectiva das interdependências e, sob tal compreensão, temos sido instados a elaborar nossas análises e reflexões procurando nos desvelar de quaisquer juízos de valor, evitando os conceitos próprios do “deveria ser assim” para assumirmos a postura em que buscamos compreender uma realidade, a partir dos elementos e dados que conseguimos perceber e evidenciar. Mesmo assim, procurando permanecer cientes de que outros galos, com outras vozes estejam se juntando para tecerem manhãs, há sempre outros que nos escapam e, indiferente de serem identificados ou não, aprovados ou não, eles seguem trazendo novas manhãs. Com isso, também dizemos acreditar que muitas práticas colaborativas, ainda que não percebidas por estudos e análises, estejam se constituindo, considerando a imensurável possibilidade de inter-relações entre os sujeitos.



Referências

ALARCÃO, I. **Professores reflexivos em uma escola reflexiva**. 3.ed. São Paulo: Cortez, 2004.

ALMEIDA, Mariângela Lima de Almeida. **Formação continuada como processo crítico reflexivo colaborativo**: possibilidades de construção de uma prática inclusiva. 2004. 267 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória, 2004.

BRASIL. **Política Nacional da Educação Especial na Perspectiva de Educação Inclusiva**. Brasília, DF: MEC/SEESP, 2008.

BRASIL. **Política Nacional de Educação Especial na Perspectiva da Inclusão Escolar**. Brasília: MEC. SEESP. 2008. Disponível em: <<http://portal.mec.gov.br/>>. Acesso em: 19 de julho. 2015.

BRASIL. **Decreto nº 7.611, de 17 de novembro de 2011**. Dispõe sobre a educação especial, o atendimento educacional especializado e dá outras providências. Brasília, 2011. Disponível em: <<http://www.planalto.gov.br/>>. Acesso em: 19 julho. 2018.

CANÁRIO, Rui. **O que é a escola? Um “olhar” sociológico**. Porto: Porto Editora, Ltda, 2005

ELIAS, N. **A Sociedade dos indivíduos**. Organizado por Michael Schoter; tradução: Vera Ribeiro; revisão técnica e notas Renato Janine Ribeiro. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed. 1994.

ELIAS, N. **A sociedade de corte**: investigação sobre a sociologia da realeza e da aristocracia de corte. Rio de Janeiro: Zahar, 2001a.

ELIAS, N. **Norbert Elias por ele mesmo**. Tradução de André Telles. Rio de Janeiro: Jorge Zahar. Ed. 2001b.

ELIAS, N; SCOTSON, J. **Os estabelecidos e os outsiders**: sociologia das relações de poder a partir de uma pequena comunidade. Rio de Janeiro: WVA Ed., 2000.

ELIAS, N. **O processo civilizador**: Uma história dos costumes. Tradução de Ruy Jungmann. 2.ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, v. 1, 1994.

FERREIRA, B.C. (et al.) Parceria colaborativa: Descrição de uma experiência entre o ensino regular e especial. **Revista Educação Especial** (UFSM), 29, p. 9-22, 2007.

JESUS, D. M. O que impulsiona a pensar a pesquisa-ação colaborativo-crítica como possibilidade de instituição de práticas educacionais mais inclusivas? In: BATISTA. CR; CAIADO, K.R.M.; JESUS, D. M de. (org.). **Educação Especial: diálogo e pluralidade**. Porto Alegre: Editora mediação, 2008.



MENDES, E. **Colaboração entre ensino regular e especial**: o caminho do desenvolvimento pessoal para a inclusão escolar. In: MANZINI, E. J. Inclusão e acessibilidade. Marília, 2006. p. 29-41.

NUNES, I. M.; BORGES, C. S.; Atendimento Educacional Especializado: Diversos olhares. In: OLIVEIRA, I. M.; RODRIGUES, D.; JESUS, D. M. (Orgs.). **Formação de Professores, Práticas Pedagógicas e Inclusão Escolar**: perspectivas luso-brasileiras. Vitória: Edufes, 2017.

PINTO, C. L. L.; LEITE, C.; Trabalho Colaborativo: um conceito polissêmico. **Conjectura: Filos. Educ.**, Caxias do Sul, v. 19, n. 3, p. 143-170, set./dez. 2014.

ZIVIANI, M. C. N.; **Interdependência e colaboração em contextos escolares Inclusivos**. 2016. 174 f. Dissertação (Mestrado em Educação). Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Federal do Espírito Santo. Vitória, 2016.

VILARONGA, C. A. R.; MENDES, E. G.; Ensino colaborativo para o apoio à inclusão escolar: práticas colaborativas entre os professores. **Rev. bras. Estud. pedagog.** (online), Brasília, v. 95, n. 239, p. 139-151, jan./abr. 2014.

SOBRE AS AUTORAS

ISABEL MATOS NUNES

Doutora em Educação. Professora do Departamento de Educação e Ciências Humanas da Universidade Federal do Espírito Santo, Centro Universitário Norte do Espírito Santo UFES/CEUNES. Professora do Programa de Pós-Graduação em Gestão Pública da Universidade Federal do Espírito Santo (UFES/CEUNES).

MÁRCIA ALESSANDRA DE SOUZA FERNANDES

Mestra em Educação pela Universidade Federal do Espírito Santo. Professora da Rede Estadual de Ensino do Espírito Santo (SEDU) e da Rede Municipal de São Mateus-ES.

MARIZA CARVALHO NASCIMENTO ZIVIANI

Mestra em Educação pela Universidade Federal do Espírito Santo. Pedagoga e professora da Rede de Ensino do município de Pinheiros-ES.

